

João de Barros e Fr. Bernardo de Brito, mas o P. Vieira no tom. 2.^o pag. 19. « Havendo pois o principe de se escusar, ou *escudar* com os seus conselhos, &c. » Os amantes da lingua sentem que se não use deste verbo, porque ajuda a empobrece-la a falta delle.

Esgares por acenos, e movimentos feitos com a cara, ou com os olhos, usou-se constantemente até o tempo de Francisco Rodrigues Lobo, em cujas obras diversas vezes se acha. Veja-se a sua *Corte na Aldea* pag. 112.)

Esmear a cabeça por fazer nella uma ferida, é verbo, de que usou Lobo na *Corte na Aldea* pag. 113, imitando aos antigos classicos.

Esmolar por *dar esmolas* tem a seu favor os melhores textos da lingua: hoje se se usa é só por pedir esmola.

Esparcelado por mar que tem bancos de pedra, era constantemente usado até a idade de Vieira, que no tom. 2.^o pag. 343 disse: « Com estes mares tão *esparcelados*, e cheios de baixos, &c. » Este termo, pela falta que faz, devia tornar a florecer, se bem que entre alguns ainda não é antiquado.

Esquivar, verbo mui necessario, e que injustamente se antiquou, porque não só significava impedir o accesso e familiaridade que uma pessoa podia ter com outra, mas tambem valia o mesmo que *evitar* e *afastar-se*. Ficando-nos *esquivo* e *esquivança* não sei porque perdemos o verbo.

Estugar por *apressar* é entre outros de D. Francisco Manuel na *Carta de Guia* pag. 89. « *Estuga* o passo, e segue até alcança-lo, &c. E' verbo que, por expressivo, deveria conservar-se, porque *estugar* vale o mesmo que *instigar* ou *picar*; e posto que se diga *picou* o passo, em vez de *apressou*, não é phrase que se admitta em composição grave.

Fallecer por *faltar* é de João de Barros na Decad. 1.^a pag. 38, dizendo: « Não lhe *falleceriam* uns poucos de páus, &c. » Imitou-o D. Francisco Manuel na Carta de Guia pag. 158, onde disse: « Não *fallece* quem diga, &c. » Hoje só significa faltar por ocasião de morte.

Feitiça por cousa *fingida* é termo usado por todos os classicos até o tempo de D. Francisco Manuel, que disse nas suas cartas « *bulha feitiça*, e nos seus *Relogios fallantes* « *discurso feitiço*, &c. »

Feitura por *creatura* querem alguns que se vá antiquando, não obstante ser dos melhores classicos, e com especialidade de Vieira em diversos logares, como sabem os que delle teem lição. Não ha razão para que este termo se não conserve, imitando ao marquez de Valença, D. Francisco de Portugal, auctor moderno de pura linguagem, que muitas vezes usou delle nas suas obras.

Feros por *ameaças* dá-se hoje por antiquado, apesar da grande auctoridade de Jacintho Freire, que na pag. 85 disse: « A esta carta composta de *feros* e *lisonjas*, &c. »

Grey ou *grege*, de que usou Barros na Decad. 1.^a pag. 178, dizendo: « Ter congregado a sua *grege*. » é hoje inteiramente antiquado; mas com prejuizo da lingua, por lhe faltar uma palavra, com a qual em sentido rigoroso denotavam os nossos bons antigos o *gado miúdo*.

Galardoar por *premiar* quasi que já ninguem diz, quando com frequencia usaram delle os puros escriptores da seculo passado, e á sua imitação deveriam fazer o mesmo os do presente.

Genitura por *geração*, de que muitas vezes usou João de Barros, já na idade de Fr. Luiz de Sousa se não dizia. Veja-se na Decad. 3.^a a pag. 130.

Gentalha já ninguém quer dizer em discurso grave, imaginando que é voz plebea, assim como *canalha*; porrem sem fundamento, porque usou della não menos que Jacintho Freire na pag. 261.

Governalho por *leme* já ninguém diz, sendo aliás mui usada no tempo de Damião de Goes, que a traz na chronica d'elrei D. Manuel, pag. 30. Não se sente a sua falta, posto que venha da voz latina *Gubernaculum*.

Hoste por um *arraial*, e *hostes* por *inimigos*, são termos que a cada passo se acham nos classicos do seculo decimo-sexto, e injustamente antiquados, especialmente conservando *hostilidades*.

Imigo por *inimigo*, *imizade* por *inimizade* são sincopees que já se não soffrem nem em poesia: o mesmo digo de *esprito*; se bem que alguns ainda o supportarão em alguma epopea: de *Mór* não sendo em officio da casa real, ou da republica; e de *Grão* não se ajuntando a algum grande titulo ou dignidade, como verbi gratia: *Grão Senhor*, *Grão Prior*, *Grão Duque*, &c.

Ladear por ir ao *lado*: usaram deste verbo os nossos antigos, e ainda contentou ao auctor do tom. 7.^o da *Monarch. Lusit.*, usando delle na pag. 187. Injustamente se antiquou, e bom seria resuscita-lo com a auctoridade de Horacio na sua *Poetica*.

Látego por *açoute* de correias era termo frequente nos classicos antigos; mas muito ha que está antiquado.

Lasso por *cançado* é já hoje palavra desusada na prosa; não sei a razão; sei que é de Jacintho Freire na pag. 152. «Estando os nossos com as forças já *lassas*, &c. Ao presente serve para denotar cousa que não está muito apertada.

Lide por *peleja* ha muito que se antiquou, e já não

era palavra usada quando se compoz o tom. 5.^o da *Monarch. Lusit.*, que a traz na pag. 122.

Longor por *comprimento* é de João de Barros na *Decad.* 2.^a pag. 119. Acha-se tambem na *Arte de Navegar*, e em outros auctores do seculo decimo-sexto.

Louçania por *gala* e *aceio* foi palavra usadissima até ao fim do seculo passado. Os classicos mais antigos, como Barrios e outros, diziam *louçainha*, pronunciação de que ainda usou D. Francisco Manuel na *Carta de Guia de Casados* pag. 44.

Manceba do homem casado tinha entre os antigos classicos o nome de *comborça*. Sem rasão alguma se antiquou esta palavra, não ficando outra em seu lugar; pois *concupina* propriamente é a manceba do homem solteiro.

Mescabar por *desestimar* é de Fr. Luiz de Sousa na *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres* pag. 167, onde diz: «Se o podia deslustrar e *mescabar*, &c.» Os classicos que se lhe seguiram disseram *menoscabar*; porrem tanto uma e outra palavra, como a de *menoscabo*, estão antiquadas.

Miramento por olhar com attenção, acha-se em muitos livros que entre nós fazem auctoridade, e ainda Vieira usou deste termo no tom. 2.^o pag. 49, dizendo: «Com tal *miramento* e attenção á grandeza e magestade, &c.»

Mutra por *sinete* era termo vulgar no tempo de Fernão Mendes Pinto, que assim o traz nas pag. 96 e 177.

Nadivel, rio que se póde passar a nado, palavra tão propria como injustamente antiquada. Usou-a Barros na *Decad.* 1.^a pag. 169, onde diz: «Em lugar de agua *nadivel*, &c.»

Patrisar por conformar-se com os estylos da patria é de Barros no prologo á Decad. 1.^a

Poento por cousa cuberta de pó, termo que a cada passo se acha nos livros do bom seculo, já se não usa. Vieira dizia *empoado*, e ainda hoje é seguido.

Pompear por luzir e ostentar com pompa, usaram-no todos os antigos, especialmente Fr. Heytor Pinto, tom. 2.^o dos Dialog. pag. 57.

Posteriores por vindouros é de Barros na Decad. 4.^a pag. 16, dizendo: « Para exemplo aos *posteriores*, &c. »

Prêa por *preza* com o seu verbo *prêar* se acha em Barros na Decada 1.^a pag. 59: hoje é voz plebea.

Precintado por *cingido* diziam os classicos antigos, e ainda Vieira os seguiu, dizendo no seu *Xavier Dormindo*, pag. 100: « Era um catre *precintado* de cordas de cairo, &c. » Com a auctoridade dos mesmos classicos o usou tambem D. Rodrigo da Cunha na *Historia dos Bispos de Lisboa*, dizendo: « Um caixão de madeira *precintado* de faxas de prata, &c. »

Privado e *privança* por *valído* e *valimento* já os modernos criticos não admittem, mas sem razão; porque são termos summamente expressivos, segundo a sua etymologia, e por taes usou delles muitas vezes o grande Vieira.

Queixume foi palavra polidissima até o fim do seculo decimo-setimo: hoje já não é admittida nem ainda em Poesia, com sentimento daquelles que respeitam [como dizia Jacintho Freire no seu prologo] as veneraveis caãs e ancianidade madura da nossa linguagem antiga.

Realeza, termo antigo, e muito expressivo, que sem fundamento se antiquou, não ficando outro em seu lo-

será
precintado?
(mas q. w.)
precintado?
precintado?

gar, que exprimisse a força da sua significação. Porem com os muitos exemplos de Vieira ainda ha quem o não dá por antiquado, visto ser necessario e expressivo. Vide tom. 7.º pag. 520.

Referta por *contenda*, *porfia*, ou *repugnancia*, é de Barros na Decad. 2.ª pag. 84: «Sem *referta* pagou o que era obrigado.»

Remoela por *acinte* e *pirraça*, é de Brito no tom. 1.º da Monarch. Lusit., pag. 375. «Fazendo-lhe em seus olhos uma *remoela* tão affrontosa, &c.»

Replenado e *repleno* em lugar de *cheio*, serão hoje estranhados pelos criticos severos, como termos antigos, que já perderam a sua auctoridade. Porem não percebo a razão por que se hão de antiquar, admittindo nós *terraplenado* e *terrapleno*, e sendo tão necessario o uso das sobreditas vozes, para exprimirmos com uma só palavra composta uma cousa cheia do que quer que seja; á maneira de João de Barros, que assim o usou na Decada 3.ª pag. 233.

Sáfaro por homem rustico, e mal morigerado, foi usado por todos os classicos até o tempo do P. Vieira. Acha-se em Fr. Luiz de Sousa, na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 121 col. 3.ª, e na Vida de S. Francisco Xavier, de Lucena, pag. 269 col. 1.ª

Sahimento por *pompa funebre*, se dizia no seculo decimo-sexto, e o usou Damião de Goes na chron. de elrei D. Manuel, pag. 9 col. 4.ª

Sobrecenho, termo de muita energia, de que usavam os nossos antigos, applicando-o a pessoa agastada, que arrugava a testa, e carregava as sobrelhas. Brito, Monarch. Lusit., tom. 1.º pag. 353. «Ouvio a embaixada dos nossos com grande *sobrecenho*, fingindo-se agravadissimo, &c.»

Timoneiro chamavam os nossos bons antigos ao que governava o leme de qualquer embarcação: hoje não quer a critica soffrer já este termo, e despresa soberba a auctoridade de Vieira, que no tom. 10 pag. 242 disse: « Perguntou ao *timoneiro* do bergantim, &c. »

Podemos fazer crescer este catalogo com outras muitas vozes, usadas pelos nossos antigos, e já hoje abolidas; porem como o nosso fim não foi fazer memoria de todos os antigos termos, pertencentes ou á linguagem da plebe, ou á das sciencias e artes, mas só dar uma leve noticia daquellas palavras que se teem presentemente por antiquadas nos discursos graves, nas obras serias, e nas conversações polidas, damos fim a esta reflexão.

REFLEXÃO 3.^a

Sobre algumas palavras, das quaes frequentemente se usa, e os criticos não admittem, por não acharem dellas exemplos seguros. Mostra-se em algumas o erro destes criticos.

Parece a muitos supersticioso o cuidado com que alguns Escritores trabalham por escrever com pureza o seu idioma, usando só daquelles termos que teem aos Classicos por defensores. Porem erram nesta parte [como em tudo o mais] estes ignorantes, parecendo-lhes que qualquer palavra, uma vez que se ache em algum auctor, para logo é portugueza, e se póde usar della sem o minimo escrupulo.

Não fallariam assim se soubessem que todas as nações cultas teem os seus textos da lingua, e que sem imitar a estes na correcção e pureza da linguagem, não se atreve a escrever aquelle que pertende as estimações da critica severa. Esta não soffre em portuguez alguns termos frequentemente usados, mas sem exemplo de auctor seguro. Faremos menção não de todos, porque não escrevemos vocabulario; mas só de alguns que teem mais uso nos discursos graves, e nas conversações polidas.

Actor de theatro: não lhe achamos exemplo seguro: *representante* é o termo genuino.

Attendivel em nenhum classico até aqui o achamos; e não obstante ser palavra tão vulgar, nem o mesmo Bluteau a traz no seu vocabulario.

Attestação, e *attestar* na significação de testificar, não tem exemplo, que faça auctoridade. Não basta o do *Crysol purificativo* nas pag. 337 e 343. Os antigos sim usaram deste nome, e verbo, mas em sentido totalmente diverso, que se póde ver em Bluteau &c.

Benemerencia se acha em varios livros modernos; mas ainda não lhe podemos descobrir exemplo, que livre da censura aos que usam deste termo.

Defidente [por não ter fé] não é termo seguro, achase no livro *Eschoła das Verdades* pag. 65, mas em auctor classico certamente se não encontrará.

Depredar por *assolar*, e *saquear* foi usado por Fr. Jacintho de Deus no seu *Vergel de plantas*, pag. 18 e 42, porem é de pouco peso a auctoridade deste escriptor.

Desadorar por *indignar-se* é verbo frequentissimo ainda entre aquelles, que se prezam de não ser povo. Não lhe achamos exemplo algum, nem ao menos de inferior classe.

Deterior na significação de *peior* só o achamos no panegyrico do marquez de Marialva, pag. 10: porem este exemplo é daquelles que despresam os criticos puritanos da lingua.

Empallidecer é verbo bastantemente vulgar, mas destituído de auctoridade, e até aqui o melhor exemplo, que d'elle achamos, é o de Barreto na sua *orthographia*.

Emprego por *occupação*, *cargo*, ou *officio*, é palavra que ainda não soffrem os adoradores dos nossos primeiros classicos. A verdade é que estes pela maior parte usaram de tal termo só na significação de *compra*. A que presentemente lhe dão, já se acha na *Côrte na aldeia* pag. 200; no *Portugal Restaurado* tom. 1.^o pag. 3; em Chagas nas *Cartas Espirituaes* tom. 2.^o pag. 137, e no *Numero Vocal*, pag 497. Estes exemplos apoiados pelo uso constante dos presentes, fazem com que seja excessivo o escrupulo dos criticos modernos, muito mais achando-se já na famosa *Historia de S. Domingos*, e em alguns sermões do insigne P. Vieira.

Energico, termo, de que vulgarmente se usa, para exprimir cousa que tem energia, não se lhe acha a seu favor algum exemplo seguro em prosa.

Escolho por *penhasco*, ou rocha no mar, é mais para o verso, do que para a prosa; e nem ainda em Poesia lhe achámos até aqui melhor exemplo que o da *Malaca Conquistada*, liv. 12 est. ultima.

Estilar na significação de cousa, que é *estyllo*, e *costume* fazer-se, não sei que tenha exemplos seguros; sei sim que os escriptores puritanos não usam presentemente de tal verbo; porem bom seria, que d'elle usassem.

Farragem por *mistura*, de que usou muito o auc-

tor da *Polyanthea Medic.* pag. 323, e de que se valem alguns modernos, mantenedores dos termos alatinados, não tem muito uso entre os que escrevem com pureza. Só um exemplo achamos em Vieira no tomo 9.^o pag. 386 col. 2.^a

Illaquear só o poderá usar quem tiver por auctor de boa classe ao que escreveu a Vida de S. João da Cruz, porque traz este verbo na pag. 58.

Immune, de que usam sem escrupulo diversos escriptores modernos, não tem exemplos seguros, como tem *Immunidade*.

Inacção é hoje termo, que anda na boca de todos, e por isso inteiramente admittido na lingua, posto que d'elle não achasse Bluteau algum bom exemplo.

Inauguração, e *Inaugurar* acham-se diversas vezes nas *Florestas do P. Bernardes*, e até aqui é onde os temos achado; porem para muitos ainda não basta a auctoridade deste purissimo escriptor, sendo na obra das *Florestas*, porque não tem nella tanta pureza de linguaagem, como nas outras, especialmente nas *Meditações dos Novissimos*, &c.

Indefesso se lê muitas vezes no *Agiologio Lusitano*: *Incançavel* é o que achamos em Vieira.

Indizível e *disível*, termos, que a cada passo se ouvem, por mais que lhe temos procurado exemplo seguro, ainda o não podémos descobrir.

Irreduzível é palavra, que só achamos na *Guerra Brasilica*, pag. 367, que val o mesmo que dizer a não temos por legitimada.

Lapida, por pedra que tem alguma inscripção, é palavra bastantemente usada; mas não sei que tenha melhor exemplo que o da *Monarch. Lusit.* tom. 6.^o pag. 113, o qual entre os criticos é de classe inferior.

Lhano apenas se soffre em estylo familiar; em qualquer outro é reprovado, porque não se lhe acha auctoridade segura.

Mencionado, e *Mencionar* foram termos admittidos nas conferencias eruditas, feitas em casa do Conde da Ericeira; porem alguns escrupulosos ainda duvidam usar delles, porque os não acham nos escriptores mais puros.

Necedade em logar de *fatuidade* não sei que tenha exemplo mais classico que o do P. Bernardes nas suas obras. Ao menos Bluteau não aponta deste termo castelhano auctoridade mais segura em portuguez; e se alguma se descobrir hade ser rara: pelo menos nós ainda a não encontramos.

Nimiedade é palavra, que não admittem os criticos, porque dizem que é destituída de exemplos de bom seculo.

Prendas por qualidades e dotes pessoases, antes de Vieira não sei que fosse usada por Auctor Classieo. Os bons antigos quando usavam do dito termo, era para significar os mutuos presentes dos esposos; e ainda hoje neste sentido dizemos com toda a propriedade *Prendas*.

Proficuo não lhe achamos em seu favor auctoridade classica. Usou desta palavra o Auctor da *Vida do Principe Palatino* pag. 173.

Progenie tem rarissimo exemplo seguro em prosa, se dermos credito a um critico moderno. Nós com Bluteau descobrimos um na *Corte na Aldêa* pag. 213, onde se diz » *A Venturosa progenie* que creara &c.

Projecto tem a seu favor mais o uso constante de alguns cultos deste seculo do que bons exemplos dos Classicos, os quaes diziam *Idêa*, e só em Poetas antigos de inferior classe se achará *Projecto* na significação de

lançado fóra. Conheci Auctores tão escrupulosos , que nunca quizeram usar desta palavra , não obstante te-la admittido a classe das pessoas polidas.

Promiscuo só a achamos em Escriptores de baixa auctoridade , como é em materias de pureza da Lingua o P. Fernandes na *Alma Instruida* tom. 2. pag. 362.

Propugnaculo é termo hoje muito usado em discurso grave , mas não lhe temos achado melhor defensor que o Auctor da Vida da Rainha Santa Isabel pag. 225.

Prostibulo , casa de mulheres prostitutas , querem os criticos , que com o exemplo de Vieira , e de outros se use de *Lupanar* ; mas parece-nos demasiado o escrupulo.

Protervo , que parece só tem uso no verso , foi usado por Fr. Luiz de Sousa na Parte 2.^a da sua Historia : pag. 50. Havia outros *protervos* , e duros &c.

Radiante , e *Radiar* não se admitte em prosa : no verso tem exemplos Classicos em Camões no Canto 6. est. 9. , e no Canto 10. est. 81. Seguiu-o Gabriel Pereira na *Ulissea*, Canto 1.^o est. 21.

Receptivel : ainda o não achámos em Auctores , que tivessem authoridade superior á de Lacerda na Vida de Santa Joanna , e á do P. Fernandes na *Alma Instruida*.

Regimen : achamos-lhe muitos exemplos , mas nenhum Classico. Usou-se delle na Vida da Rainha Santa Isabel pag. 239.

Resentimento é termo de pouca antiguidade na Lingua , e por isso os escrupulosos na pureza della ainda o não querem admittir.

Rutilante , e *Rutilar* , que se lê em alguns modernos Sermões , e Elogios , não tem em prosa bons Auctores , que os defendam. Nos Epicos não lhes faltam exemplos.

Significado por *doente* ou mudado de parecer, é vocabulo, de que só usam os que não sabem que cousa seja pureza de linguagem.

Terno por compassivo não lhe achámos ainda exemplo seguro. Os Classicos diziam *tenro*, e guardavam *terno* para exprimir o número de tres. Porém o uso parece que tem adoptado este termo na significação de piedoso.

Vulnerar por *ferir* dizem os que presumem de cultos, e talvez que não achem desta palavra maior auctoridade que a da *Cart. Pastoral do Porto* na pag. 56.

Porém se a estas palavras não acham os criticos exemplos seguros, não é a sua sentença tão infallivel, que não se possa achar uma, ou outra auctoridade nas vastas obras de tantos Classicos: porque tambem os mesmos criticos poem no Catalogo dos termos, que não são Portuguezes, a muitos que certamente tem exemplos seguros. Apontaremos alguns para instrucção dos principiantes no exercicio de compor.

Abisso por *abismo* é de Camões: *Canç. 2.^a est. 7.^a*

Acuradamente por *perfeitamente* é de Vieira no tom. 5.^o pag. 151. col. 2.^a

Advocado por *chamado*, é de Vieira no tom. 2.^o pag. 212. » Todos estão *Advocados* a esta casa das mercês &c. »

Asserto, e *Assertivamente*, de que os escrupulosos não querem usar, por serem termos modernamente alatinados, tem exemplos classicos, e antigos. O primeiro na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 75. col. 3.^a O segundo na *Mon. Lusit.* tom. 2.^o pag. 62.

Avaricia por *avareza* é não menos que de Barros *Decad. 3.^a pag. 262*, onde diz *avaricia* dos Magistrados &c.

Conspecto por presença é do P. Vieira no tom. 3.^o pag. 484. onde diz *n* Acesso ao vosso conspecto divino &c.

Demeritos por desmerecimento é de Fr. Luiz de Sousa na P. 2.^a da sua Historia pag. 171. col. 3.^a Parecendo-lhe que por seus *demeritos* não seria ouvida &c.

Desidia por perguiça acha-se em Vieira no tom. 4.^o pag. 466., dizendo: Quando o Principe a quem toca ter as redeas do governo, por *desidia*, e negligencia as larga &c.

Diversorio por estallagem é do mesmo Classico no tom. 8.^o pag. 175., onde fallando da casa de Abrahão, como hospedaria commum a todos os peregrinos, lhe chama *diversorio universal* &c.

Eculeo, especie de cavallete, em que atormentavam os antigos Martyres, é do mesmo Auctor no tom. 4.^o pag. 153. Outros estirados, e desconjunctados no *eculeo* &c.

Emprego. Vide pag. 34.

Evento por Successo, é de Fr. Bernardo de Brito em diversos logares, ao qual seguio D. Francisco Manoel nas Epanaforas pag. 450. Começou o governo de Flandes com alguns felices eventos &c.

Exinanir acha-se diversas vezes em Vieira. Veja-se o tom. 7.^o pag. 238., e foi seguido pelos nossos Oradores de mais pura linguagem, como é o P. Antonio de Sá, e outros.

Fano, pequeno Templo do Gentilismo, foi usado por Vieira no tom. 8.^o pag. 462. Levantou ElRei Jero-boam um Templo, ou *Fano*, em que collocou dois bezeros de ouro &c.

Farragem é de Vieira no tom. 9.^o pag. 386., onde diz *farragem* de Heregias &c.

Flexuoso por cousa que não está directa , ou que vai dando voltas , acha-se em Francisco Rodrigues Lobo na Corte na Aldêa pag. 330.

Gusano é de João de Barros na Decada 1.^a pag. 43. imitado por Fr. Antonio das Chagas no 2.^o tom. das Cartas pag. 256.

Imbecilidade tem em seu favor a Fr. Luiz de Sousa na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres , pag. 5 , seguindo a Barros , que na Decada 4.^a pag. 329 , disse :
» gente fraca e imbele &c.

Infenso por *contrario* e inimigo é de Vieira tom. 4.^o pag. 132. Daquella sempre *infensa* , e venenosa *Metropoli* &c.

Inflado é palavra tão Portugueza , que usou della Barros na Decada 3.^a pag. 226. Não *inflado* nem imperioso &c.

Insaturavel por *insaciavel* é de Vieira tom. 7.^o pag. 272.

Intemerato : usou-o Vieira no tom. 2.^o pag. 12. E' uma inteireza perfeita , incorrupta , *intemerata* &c.

Lenho por *nau* intendem muitos que é só permitido em Poesia ; mas usou-o Vieira no tom. 4.^o pag. 499 , onde diz : As venturosas prôas de seus primeiros *lenhos* &c.

Licenciar por *despedir* , que muitos tem por verbo italiano novamente introduzido , é entre nós tão antigo , que se lê na Chronica d'ElRei D. João 1.^o pag. 276. Achamo-lo diversas vezes nas Obras de Duarte Ribeiro de Macedo , Escriptor de purissima linguagem , e não menos em Vieira tom. 7.^o pag. 430.

Manes , deidades infernaes do Gentilismo , tem a auctoridade de Vieira no tom. 9.^o pag. 161. Donde se vê , que não é termo só privativo da Poesia , como alguns imaginam.

Messe por sementeira é do mesmo Classico em diversos logares, assim dos seus Sermões, como das suas Cartas.

Meta por balisa, que se tem commummente por palavra destituida de bons exemplos, já a usou João de Barros, e varias vezes o seguiu Vieira, e Duarte Ribeiro de Macedo.

Muladar, que não se tem por termo legitimo Portuguez, é de Vieira dizendo: E Job tão bom no seu muladar &c.

Nefario por infame é de Fr. Bernardo de Brito no tom. 1.^o da Monarq. Lusit. pag. 36, dizendo: Tendo por crime *nefario* viver contra a vontade d'El-Rei &c. *Nefario sacrilegio*. Hist. de S. Domingos. P. 2.^a pag. 40. col. 3.^a

Pavonaço por côr roixa, tem muitos por palavra inventada por Vieira no tom. 1.^o pag. 114. Os que assim decidem, ignoram, que já antes a trouxera Duarte Nunes de Leão na Origem da Lingua Portugueza pag. 87, onde faz um catalogo das palavras que tirámos das italianos.

Pavonear é verbo que se censurou em um moderno Elogio, na significação de *desvanecer*; mas foi a critica sem fundamento, porque mais de uma vez o usou nas suas obras o insigne Fr. Luiz de Sousa. Veja-se a Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres na pag. 161, onde diz: Se vos reverdes, e *pavoneardes* nella &c.

Prelibação; por gosto anticipadamente provado, e cujo uso duvidam muitos, é de Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 106, dizendo: Uma *prelibação* da gloria &c.

Prendas: Vide pag. 36.

Previo, que alguns não querem admittir, é de Viei-

ra no tom. 10. pag. 173, dizendo: Uma *previa*, e formosa representação &c.

Proditor por *traidor*, termo sempre sujeito á censura por estranho á nossa Lingua, acha-se em Vieira no tom. 4.º pag. 527. Se eu assim o fizesse, seria ser *proditor* das mesmas ovelhas &c.

Prolação de palavras, em vez de *pronunciação*, foi do uso de João de Barros na Decada 3.ª pag. 25, onde diz: Por terem duas letras no seu Alfabeto, que querem imitar na sua *prolação* &c.

Prono, palavra que parece modernamente extrahida dos vocabularios Latinos, achamo-la em Barros na Decada 4.ª pag. 516. Como os homens naturalmente são *pronos* ao mal &c. Com exemplo tão auctorisado bem podia reviver este termo para riqueza da Lingua.

Protervo. Vide pag. 37.

Racimo por cacho, é de Vieira no tom. 6.º pag. 481. Dois *racimos* de uvas.

Rapacidade por inclinação a tomar o alheio, é de Vieira tom. 9.º pag. 329. O avarento com a sua *rapacidade* apanha &c.

Recamar e *Recamo*, por *bordar* e *bordadura*, em cujo uso duvidam os escrupulosos, são palavras de Vieira no tom. 3.º pag. 420, e no tom. 4.º pag. 194. As roupas *recamadas* de ouro &c. Alli arruga, acolá *recama* &c. It. tom. 2. pag. 16. Era um lavor, e *recamo* de ouro &c.

Recensear tem em seu favor a João de Barros contra a critica dos que não tem a este verbo por legitimo Portuguez. Veja-se a Decada 4.ª pag. 384, onde diz: Ao feitor, e outros officiaes passados *recensearam* as contas, &c.

Recente, injustamente se tem por palavra Latina, que ainda não está naturalisada. Usou della Vieira no tom. 4.^o pag. 372. vendo que já andava na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o pag. 298.

Reciprocac é de Vieira no tom. 5.^o pag. 466, dizendo: Se a paixão, e compaixão *reciprocam* de tal sorte as penas &c.

Segure por uma especie de *machado*, que levavam os Lictores diante dos Supremos Ministros da Justiça Romana, de nenhnm modo quer admittir a critica na prosa portugueza. Admittio-a Vieira no tom. 5.^o pag. 228, dizendo: Levarem diante de si as varas, e a *segure* &c.

Simultaneo, disse Vieira no tom. 3.^o pag. 262. Não fallam os Concilios de Collecção *simultanea*, mas successiva &c.

Soga por *corda* acha-se em Vieira no tom. 12. pag. 372. E vinha com a *soga* na garganta &c.

Sonoroso, que muitos tem só por voz poetica, acha-se diversas vezes em Fr. Luiz de Sousa. Uma grande voz clara, e *sonorosa*, tom. 2.^o pag. 26.

Subitaneo em lugar de *repentino*, usou-o Barros na Decad. 2.^a pag. 193, onde diz: por morte *subitanea* &c. Foi seguido por outros muitos sem o escrupulo, que hoje affectam alguns modernos, que toda a palavra Latina aportuguezada resolutamente dão por impropria.

Trifauce é epitheto que se acha em Vieira no tom. 6.^o pag. 29, onde diz: Propriamente *trifauce*, porque por tres bocas, e tres linguas &c.

Trisulco, sendo termo poetico, acha-se tambem em Vieira no tom. 7.^o pag. 485. Por isso chamado trino, ou *trisulco* &c.

Vacar por *occupar* é verbo que nem em Poesia se

quer admittir. Em prosa usou d'elle Vieira no tom. 4.^o pag. 283, dizendo: *Vacando só a Deus, e a si &c.*

Victoriar por dar *victoria*, é do mesmo Classico no tom. 3.^o pag. 255. *Applaudidos, e victoriados* de todo o theatro &c.

Podemos produzir outros muitos exemplos, que fizessem copiosissimo este catalogo; porém como o nosso assumpto não é escrever Vocabulario exacto de palavras duvidosas, ou seguras da Lingua, mas só fazer reflexões sobre algumas, suppra esta nossa falta o Leitor pouco instruido descobrindo outros muitos termos legitimamente portuguezes na lição de nossos Classicos.

REFLEXÃO 4.^a

Sobre alguns nomes latinos introduzidos na Lingua Portugueza por Escriptores de inferior classe, aos quacs não se deve seguir.

Por occasião da Reflexão antecedente nos persuadiram alguns que para soccorro do Escriptor principiante quizessemos apontar msis alguns termos derivados do latim, que introduziram no Portuguez Auctores pouco benemeritos da nossa Lingua. Como acima fizemos menção de varias palavras láticas, que entre nós tem exemplos seguros, pareceu-nos justo abraçar a idéa, para que tambem saibam os pouco instruidos as vozes de que devem fugir, se quizerem escrever com pureza. As que não vão no catalogo seguinte, é porque pertencem mais propria-

mente á pronunciação, e assim busquem-se no Vocabulario, com que daremos fim á segunda parte deste Livro.

Absoluto por todos os numeros, isto é cabalmente perfeito, não é frase portugueza; posto que o parecesse ao Auctor da *Alma Instruida* tom. 2.^o pag. 32.

Aculeo pelo ferrão da abelha, soffre-se nos Poetas, mas não nos que escrevem em prosa. Acha-se diversas vezes no livro *Valoroso Lucideno*.

Acume de engenho trás Nunes na sua Arte Poetica, em vez de agudeza de engenho. Na prosa não querem os criticos admittir este termo.

Acuminado por cousa aguçada, achamo-lo em certo Escriptor moderno, imitando a Fr. Jacintho de Deus no seu *Vergel de Plantas*.

Agilizar por fazer agil, acha-se no livro, *Fabula dos Planetas* pag. 65.

Aperção por *Abertura*: disse puerilmente o Auctor do *Vergel de Plantas* pag. 82. Pela *aperção* de livro &c.

Bipartido por cousa dividida em duas partes, só no verso tem bom uso com o exemplo dos nossos Poetas Classicos, e na prosa não se deve seguir a alguns que a usaram.

Bipede por cousa de dois pés, só no verso se admitte. Temo-lo achado em alguns discursos, tratando-se de monstros, e nesta accepção póde ser permittido.

Calamo por instrumento pastoril, tem exemplo em Faria na *Fonte Aganippe*; por penna de escrever usou-o o Auctor do *Valoroso Lucideno*. Tão atrevido é este termo na prosa, como no verso.

Confecto por acabado: usou-o o Auctor do *Vergel de Plantas* pag. 32, dizendo: *Confecto* quasi de idade decrepita &c.

Conterraneo por *paisano* é do mesmo Auctor acima allegado, famoso introductor de vozes Latinas, onde o não obrigava a necessidade, pag. 121.

Dealbado se acha em alguns Sermonarios, dizendo: sepulchros *dealbados* em vez de branqueados. Certo moderno usou deste termo em uma Oração Academica.

Deforme é palavra ascetica, da qual alguns usam com o exemplo de Fr. Antonio das Chagas. Este Auctor é respeitado em materias de pureza da Lingua, mas per si só não faz nella exemplo classico, que iguale o de Vieira, Jacintho Freire, e algum outro da sua mesma idade, segundo já mostrámos.

Derelicto por *desamparado*, acha-se no Vergel de Plantas, pag. 198. Muito deveria a Lingua Portugueza ao seu Auctor, se os escrupulosos o imitassem, porque ninguem tivemos, que mais do que elle, usasse de termos alatinados.

Divicias: admitte-se na Epopea com o exemplo de Camões no Canto 7.^o Estan. 8.^a Em especie de Poesia menos sublime não terá a approvação da critica.

Divo por *santo*, póde dizer-se em Poema Epico, porque tem em seu favor a Camões no Canto 10. Est. 82. Aqui só verdadeiros, gloriosos *Divos* estão &c.

Efferado por *embravecido*, acha-se no tom. 4.^o da Monarc. Lusit. pag. 22. Quando *efferados* se precipitão a fazer mal &c.

Eliminado por lançado fóra da porta anda na Carta Pastoral do Porto pag. 55. Devem ser da Igreja eliminados &c.

Espelunca só em Poema se admitte, e usam deste termo o Auctor da Insulana no Liv. 4.^o Est. 102. Entrando em fim pela *espelunca* escura &c.

Exarado por coisa esculpida só a achámos no Ver-

gel de Plantas, e com este livro allegou o P. Bluteau, ao fazer menção desta desnecessaria palavra, para a qual temos não só *esculpido*, mas *gravado*, *aberto* &c.

Excarcerar se acha igualmente no mesmo livro pag. 375. sem a minima necessidade, porque nos sobejam verbos legitimos da Lingua, que significam o mesmo.

Excidio por *destruição*, admite-se na *Ulyssea* Cant. 2. Est. 4. por ser Epopea; não na Vida da Princeza D. Joanna, pag. 176.

Exhumação, acção de desenterrar um cadaver: usa-se deste termo no Livro da *Rainha Santa Isabel*, pag. 104.

Extar por *subsistir*, diz um critico moderno, que só o achára nos Commentarios da Guerra do Alemtejo, pag. 6., livro mais observante da verdade da Historia, que da pureza da Linguagem; mas nós achamo-lo em Vieira no tom. 2.º pag. 270.

Exterrecer por *causar terror*, anda no Poema a S. João Evangelista pag. 146 Est. 26. E' Auctor de levis-sima auctoridade.

Facultoso em lugar de *rico* e opulento, é uma daquellas muitas palavras desnecessarias, que em cada pagina se encontram na Vida da Princeza D. Joanna. Veja-se a pag. 42.

Famulento por *faminto*, é liberdade só reservada não para qualquer especie de Poesia, mas para a Epopea, ou quando muito para a Lyrica em suas sublimes Canções com o exemplo de Camões na Canção 2.ª Est. 5.ª, que disse: Imaginando como, e *famulento* &c.

Fascinador, *Fascinante*, e *Fascinar*, são termos de que usou o Auctor do livro *Correcção de Abusos* em diversos logares: ainda os não achámos em Escriptor de mais auctoridade, mas poderá ser que se encontrem.

Fastigio por grande altura acha-se no livro *Dominio*

sobre a fortuna, escripto por Antonio de Sousa de Macedo, na pag. 61.

Fedo por *torpe*, e *sordido*, acha-se não só em verso, onde o uso é mais tolerante, mas em prosa de Escriptores presumidos de cultos. O P. Bluteau allega neste Vocabulo com a Luz da Medicina, pag. 342.

Fedifrago por *quebrantador* de pactos e leis, se lê no tom. 5.º da Monar. Lusit. pag. 140. Fr. Bernardo de Brito, fundador desta Historia, não a havia de usar.

Feminidade por fraqueza feminil não agrada aos que tem linguagem correcta; nem para elles basta o exemplo da Brachyolog. de Principes, pag. 251.

Feracissimo por *fertiússimo*, que traz Bluteau como Vocabulo Portuguez, não tem em prosa exemplo, que não seja de Auctor inferior.

Fido por *fiel*, só na Poesia não é digno da censura de uma critica prudente.

Finitimo por *confinante* não tem exemplo seguro. Acha-se nos Cercos de Malaca, pag. 2.

Flagicio por acção infame se animou a dizer o Auctor da *Fabula dos Planetas* na pag. 62, e *Flagicioso* o P. Fernandes na *Alma Instruida*, tom. 2.º pag. 231.

Flamancia por cousa que faz lavareda se acha na Vida de S. João da Cruz, pag. 183.

Flavo por *louro* admitte-se em verso com o exemplo de bons Poetas, mas não em prosa com a auctoridade do Auctor da vida do Irmão Pedro de Basto, pag. 423.

Fragor por *estampido* do raio é termo de que só nos Poetas se acharão bons exemplos, e máos na prosa. Usou-se d'elle na Cart. Pastor. do Porto, pag. 68.

Genito por *gerado* não tem a seu favor, senão o *Vergel de Plantas*, na pag. 43, ou outro Auctor simi-

lhante que teve por leve circumstancia a pureza da linguagem.

Gleba por *torrão*, não sei que o usasse algum Poeta dos mais atrevidos nas liberdades poeticas, e usou-o o Auctor da Luz da Medicina na pag. 177.

Gymnasios por *Aulas*, não só se acha na *Insulana* de Manoel Thomaz Liv. 10. Est. 55, mas até na *Arte Militar* pag. 56, cujo Auctor não se devia valer das licenças que se toleram nos Poetas.

Hausto por *góle*, disse o P. Fernandes no tom. 2 da *Alma Instruida* pag. 370. Não sei que nenhum outro seguisse tão pueril innovação.

Hodierno por *cousa de hoje*, usou-o Landim na vida de S. João de Deus, pag. 15. Poeta bem pouco judicioso nestas liberdades.

Ignavia e *Ignavo*, não lhes achamos em prosa exemplo, que os defenda: no verso tem em seu favor a Camões.

Ignobil encontra-se em livros, cuja auctoridade não faz peso. *Ignobildade* ainda é mais destituída de patronos; porem no verso ambos podem ter uso.

Immaculidade acha-se no tom. 6 da *Monarq. Lusit.* pag. 399; e só pelo uso deste vocabulo se vê que não deve ter peso a auctoridade deste continuador.

Immaturo só em Poesia se tolera com o exemplo de Camões, na *Elegia* 10, est. 3, e por isso tem desculpa o Auctor da *Insulana* de usar deste termo no Liv. 3, est. 4.

Implume se atreveram alguns a chamar em prosa ao passaro, que ainda não tem pennas, sendo termo só admittido no verso com a auctoridade de Camões na *Eclog.* 6, est. 23.

Incapillato por *calvo*, achamo-lo no Poema da Ma-

laca Conquistada Liv. 5.^o, est. 21, mas não foi por de-
cencia poetica, que se usou desta palavra; porque
depois de se dizer *calva*, desnecessariamente se accres-
centou *Incapillata*.

Incola por *habitador*, só pertence á linguagem dos
poetas, dando-lhes exemplo o nosso grande Epico no
cant. 3.^o est. 21, onde diz «E nelle então os *incolas* pri-
meiros. &c.

Ineolume, e *Incolumidade* achamo-los no Vergel de
Plantas, pag. 324, livro, que com mais propriedade
se deveria chamar sementeira de vocabulos latinos pue-
rilmente aportuguezados.

Incude por *bigorna*, digam-o embora os poetas com
o exemplo da Ulyssea no cant. 10 est. 13. onde se lê
«Na *incude* sonora hiam batendo, &c.

Indebito por *cousa* não devida, disse Queiroz na Vi-
da do Irmão Pedro de Basto, pag. 564, mas não é au-
ctor escrupuloso na pureza da lingua.

Indiminuto por *cousa*, que não tem diminuição,
sómente o achamos no continuador da Monarq. Lusit.
tom. 7 pag. 546.

Inerme por *desarmado* tem bom uso em Poesia, por-
que tem a seu favor a Camões no cant. 3.^o est. 111,
e a outros, que o seguiram. Na prosa não lhe achamos
melhor exemplo que o de Varella no *Num. Vocal*,
pag. 472.

Ingenito é palavra, de que usa Bluteau no Prolo-
go ao Leitor Estrangeiro. Quem lêr as diversas Prefac-
ções, que traz no principio do vocabulario, encontrará
outras muitas vozes, em cujo uso não pareceu fautor da
pureza da lingua, a qual honrava.

Ingente: hoje nem em Poesia [salvo se for Epica]
se quer soffrer. Acha-se em Camões, mas na Epopea,

cant. 7 est. 62. Em Odes Pindaricas não é reprehensível o uso, porque pede a mesma magnificencia de vozes estranhas, que competem ao Poeta Epico.

Inimicicia por *inimidade* se animaram alguns a usar na prosa; nem no verso se quer hoje tolerar, não obstante o exemplo de Camões no cant. 8 est. 8, mas temos isto por injuria ao principe da nossa Poesia, cujos vestigios [diz Faria, seu comentador] não só se devem seguir, mas adorar na linguagem poetica.

Inupta por *solteira* acha-se no livro *Céu aberto na terra* pag. 199. Não sabemos, que o seu polido auctor, para assim o dizer, tivesse algum classico, que o defendesse.

Insidia por *cilada*, de que usou Camões no cant. 9 est. 39 não lhe achamos em prosa exemplo até naquelles escriptores de leve auctoridade, que disseram, *Insidiar*, *Insidiador*, *Insidioso*.

Instaurar em vez de *restaurar*, não tem exemplo, que deva seguir-se em prosa: no verso é mais toleravel o seu uso.

Intonso: pertence sem censura á linguagem dos poetas; os que nella não escrevem, não o podem dizer, sem se sujeitarem ao justo reparo da critica.

Invio por caminho, que não é trilhado, ou por terra, que não dá caminho, acha-se em Godinho na sua *Viagem da India*, pag. 134.

Invitar por *convidar*, anda na 3.^a Parte dos *Triumphos Evangelicos*, pag. 111. Depois de Vieira, e da sua eschola é mui vulgar não se achar em sermonarios pureza, e correcção de linguagem, quando elles deviam ser os seguros depositos destes preciosos bens.

Inusitado [por desusado] soffre-se em Poesia, porque se acha em Camões no cant. 2 est. 107, mas não

se tolera no P. Bluteau , usando delle no Prologo falando com o Leitor Estrangeiro.

Jugular por *degolar* , disse sem alguma necessidade o Auctor da Vida de S. João da Cruz pag. 43.

Lactar por dar leite a uma criança , se acha na Cart. Pastoral do Porto , pag. 126. Encontramos igualmente este verbo em alguns sermonarios modernos.

Lavacro por *banho* , ou lavagem , só em Poesia o poderão soffrer os escrupulosos. Anda na *Vida de S. João Evangelista* , escripta por Nuno Barreto Fuzeiro.

Locusta [por gafanhoto] disse Varella no seu Num. vocal , pag. 157. Este Auctor não é , como outros , costumado a usar de taes liberdades.

Longevo [por idoso] não é reparado em verso , porque o usou Camões na Ecloga 6 est. 19 , porem em prosa não se tolera.

Longinquo [por mui remoto] se lê no Valoroso Lucideno , dizendo , *longinquas* terras. Este escriptor é pouco benemerito do seu Idioma. Se usasse deste vocabulo nos muitos versos , que no dito livro misturou com a prosa , seria desculpavel a sua liberdade com o exemplo de Camões , que no cant. 2 est. 54 disse « Até o *longinquo* china.

Lucubração [por estudiosa vigia] encontra-se em bastantes livros , creio , que imitando ao P. Telles , que na sua *Ethiopia* pag. 2 não duvidou usar desta palavra.

Ludo Olympico [por *jogo*] disse Gaspar de Barreiros na sua *Corographia* , pag. 13. He para desculpar , porque geralmente é escriptor correcto , e poderá ser que se fiasse em algum exemplo classico , que nós ignoramos.

Lutulento [por cheio de lodo] anda no *Crysol Purificativo* , pag. 691. Este livro é uma abundante semen-

teira de joio de vozes Latinas sem necessidade aportuguezadas, como claramente mostraremos no fim da 2.^a Parte.

Limpha soffre-se nos poetas, e admite-se nos medicos, insignes fautores de vocabulos estranhos, ainda quando a necessidade os não obriga.

Mesmeidade [por identidade] se lê na Brachylog. de Principes, pag. 262. Seu auctor, por querer nesta palavra ser nimiamente portuguez, deixou de o ser.

Modio [por alqueire] se resolveu a dizer o Auctor da Vida da Princeza D. Joana pag. 47, traduzindo as palavras do evangelho. *Nemo accendit lucernam, et ponit eam sub modio*. Desculpa-mo-lo por não querer usar de um termo, que não conserva gravidade no estylo. No Vergel de Plantas pag. 44 achou-se usada a mesma palavra.

Mole [por corpo de desmedida grandeza] como monstros, gigantes &c., ainda lhes não achámos em prosa exemplo classico. Usou deste vocabulo o P. Fernandes no tom. 2.^o da Alma Instruida pag. 309, tomando-o no sentido figurado.

Multiplice não lhe achamos exemplos seguros, mas póde ser voz facultativa; e de facto tem uso em discursos filosoficos.

Murmur por estrondo, anda no Poema da *Destruição de Hespanha*, Liv. 4.^o Est. 25.

Obliterar, anda puerilmente usada na pag. 5. da *Primazia Monarq.*

Obumbrar concede-se aos Poetas com a auctoridade de Camões no Canto 6.^o Est. 37. mas em prosa, como ha pouco o lêmos em um Discurso Academico, é objecto de censura.

Odor por *cheiro*: achamo-lo em diversos Auctores,

que julgam ter a Lingua Portugueza acção a toda a palavra Castelhana, ou Italiana.

Omnimodo se diz vulgarmente no estylo forense; mas a não ser nelle, só o achámos em Marinho nas Antiguidades de Lisboa, parte 1.^a pag. 241, e no Auctor do Vergel de Plantas pag. 370.

Opimo arrogaram a si alguns Poetas, e entre outros o achámos no Poema da *Insulana*, e no da *Malaca Conquistada*.

Pabulo por *Pasto*, disse sem alguma necessidade o P. Fernandes no tom. 1.^o pag. 409 da *Alma Instruida*. Nos Poetas de inferior nota são muitos os exemplos.

Paramo por planicie, ou campo deserto usam os presumidos de cultos, mas com mais frequencia em verso do que em prosa.

Pauperrimo soffrem os criticos em Poesia, mas não nas *Noticias do Brasil*, onde se acha na pag. 122. Temos observado que os superlativos acabados em *errimo*, como *asperrimo*, *celeberrimo*, *integerrimo*, *saluberrimo*, tem na prosa raro exemplo, que faça auctoridade classica. O commum é achar-se com terminação em *issimo* á maneira dos outros superlativos, v. g. *pobrissimo*, *asperissimo*, *celebradissimo*, &c. *Integerrimo*, e *saluberrimo* com a mesma terminação é de que ainda não lêmos exemplo.

Philaucia em logar de *amor proprio*, não póde ter dúvida em Poesia, usando Camões desta voz grega no Cant. 9.^o Est. 27. Em prosa não se póde usar com segurança, so se fôr trazida como palavra facultativa da *Ethica*, ou se escrever com os caracteres gregos, para se mostrar que não se adopta. Assim o praticou Cicero com este mesmo termo no Livro 1.^o ad *Atticum*.

Plaustro por carro descoberto, é uma das muitas

vozes que tem a nossa linguagem Poetica. Usaram-na diversos Poetas , como Sá de Menezes , Manoel Thomás , e Gabriel Pereira no Cant. 2.º Est. 52. Que tinha bom logar na linguagem da prosa , ainda o não achámos , porque de nada valeria os muitos exemplos que se encontram no vicioso estylo das Novellas de Mattheus Ribeiro.

Popina por *taverna* anda na Poesia da Destruição de Hespanha , Liv. 4.º Est. 135.

Poto por bebida se acha na Brachylog. de Principes , pag. 296. Não tem melhor exemplo.

Prematuro , que no verso apenas se tolera , acha-se no Vergel de Plantas , pag. 35 , e não foi uma só vez que seu Auctor usou de tal vocabulo.

Presagiar , póde ser que tenha exemplo classico , porém ainda o não encontrámos , como o descobrimos a *presagio* , e a *presago* em Vieira , Duarte Ribeiro de Macedo , e outros.

Primevo , quem o usou , só se póde defender com o exemplo do Auctor da Alma Instruida no tom. 2.º pag. 421 , ou de outros Escriptores de igual nota.

Primordio por *principio* , dizem commummente os que no seu fallar affectam ser cultos ; mas nós ainda não descobrimos este vocabulo latino em Auctor Portuguez , que faça auctoridade , nem Bluteau aponta melhor que o do Livro *Grandezas de Lisboa* na 1.ª Parte pag. 39.

Pristino por coisa muito antiga , se lê na pag. 365. do Vergel de Plantas , livro tantas vezes citado , e que ainda citaremos , porque nenhum outro nos socorre tanto de vozes latinas puerilmente aporuguezadas.

Probo por bom , não tem exemplos tão graves co-

mo *probidade*. Acha-se na Vida da Rainha Santa Isabel pag. 139.

Proceridade por *altura*, anda na Alma Instruida tom. 2.^o pag. 354. Pareceo bem este Vocabulo a certo Academico moderno em um Discurso que corre manuscrito.

Pròcero por *grande* e elevado, não teve dúvida a escrever o Auctor das Noticias do Brasil pag. 242, mas qualquer Escriptor nosso, que for escrupuloso na pureza da lingua, terá duvida em não o seguir.

Procrastinar por dilatar de dia em dia, acha-se na vida da Princeza D. Joanna, pag. 15, e em diversos logares das *Novellas* de Mattheus Ribeiro.

Procreação, e *Procrear*, não tem [segundo Bluteau] melhores exemplos que o de Marinho nas *Grandezas de Lisboa* pag. 2, e o de Barreto na *Pratic. entre Heracl. Democ.* pag. 20.

Profugo usurpou aos Poetas o Auctor da vida de S. João da Cruz pag. 229. Em varios Sermões modernos se achará tambem o uso deste Vocabulo, chamando v. g. *profugo* a Cain depois da maldição de Deus.

Progymnasma, é de Manoel Severim de Faria no Prologo ao Leitor, dando este nome aos seus *Discursos Varios*. Os criticos hão de querer que em lugar delle dissesse *Preambulo*. Mas em fim tomada esta voz simplesmente como Grega, e não como já adoptada na lingua, póde admittir-se, muito mais se se escrever com caracteres diversos.

Propinar por *beber á saude*, de que apenas usaria um Poeta atrevido nas liberdades da sua linguagem, usou-o o Author do Vergel de Plantas na pag. 228.

Protervia, e *Protervo*, poderá ter exemplos seguros, porém ainda os não achámos. Da primeira palavra se

q. (ca)
preambulo
proprio
profano

usou no *Castrioto Lusitano* pag. 18; da segunda na *Cart. Pastoral do Porto*, pag. 249. Nos Poetas não são raros os exemplos.

Prudenciar não se póde dizer, em quanto se não achar um Auctor de maior auctoridade que a que tem o que escreveo os *Successos Militares do Alemtejo*. Veja-se a pag. 89.

Pudibundo deo Camões este epiteto á rosa no *Cant. 4.º Est. 75*, e com este exemplo soffrerá a critica o uso desta palavra em uma Epopea, mas não nas outras especies inferiores de Poesia.

Quadrupedante [por *quadrupede*] é um dos infinitos Vocabulos Latinos que com excessiva liberdade poetica foi aportuguezando o Auctor da *Insulana*.

Recesso tomado pelo logar mais remoto de algum Reino, ou Provincia, achamo-lo na *Corografia de Avelar* pag. 43. Barros sim usou desta palavra na *Decad. 3.ª* pag. 102, mas como termo astronomico, dizendo: Com o acesso, ou recesso do sol &c.

Redivivo encontra-se em diversos livros, escriptos neste seculo; mas taes, que não são para imitar seus exemplos. Nos Poetas é mais toleravel o uso.

Remitir em vez de *repugnar* poderá ter em seu favor auctoridade segura; mas a que podemos até aqui descobrir, não é a que deve contentar, por ser do Auctor da vida da Rainha Santa Isabel pag. 17. *Renitencia* tem exemplos um pouco melhores, e se a memoria nos não engana, usou d'elle Vieira.

Renuir em vez de *Recusar*, e *Regeitar*, encontramos naquelles livros, cuja linguagem despresam os criticos; nem Bluteau os descobriu bons para defender a introduccão deste verbo.

Repercutir em vez de *reverberar* ou *reflectir* é vo-

cabulo que se permite nò verso , e em discursos phisicos ; em outras obras ainda o não encontramos auctorizado com bons exemplos.

Semita por caminho , ou vereda , disse o Poeta Auctor do *Ramalhete Juvenil* , Lyra 1.^a pag. 62.

Soberanizar por engrandecer , disse o Auctor dos Cercos de Malaca na pag. 21 , e seguiu-o Mattheus Ribeiro nas suas Novellas.

Stridor se acha na vida de S. João da Cruz , pag. 53. Não se tolera senão em Poesia Epica , ou Lyrica , quando se usa do estilo Pindarico.

Stultiloquio não sei que se ache em Auctores de boa classe. Aonde o encontrámos foi na Carta Pastoral do Porto , pag. 48 , que tambem usa de *Vaniloquio* na pag. 38.

Suggesto por logar á maneira de pulpito , ou palanque , de que usaram os antigos Romanos , se acha na Cart. Pastor. do Porto pag. 95. Deste vocabulo se vê claramente o quanto o Prelado , que a compoz , era facil em se valer sem alguma necessidade de vozes Latinas. Podendo dizer pulpito , ou cadeira , disse *Suggesto*.

Temulento por embriagado , disse o Auctor da vida da Rainha Santa Isabel , pag. 168. Só em verso o soffrerá a critica rigorosa.

Tenebrosidade se acha em um grande numero de livros modernos , supponho que por acharem seus Auctores esta palavra na *Guerra do Alemtejo* pag. 149 , obra mui pouco correcta na linguagem.

Tentorio por *Tenda militar* , é do tom. 2.^o pag. 714. do *Agiologio Lusitano* , a cujo Auctor devem mais as *Antiguidades Ecclesiasticas de Portugal* , do que a lingua em que as escreveo.

Tepor por qualidade media entre quente e frio , to-

lera-se nos livros de Medicina, mas não em outros, como o da *Guerra do Alemtejo* que usou deste vocabulo na pag. 148.

Terso por limpo, e polido, tem em Poesia muitos exemplos: na prosa se algum tiver de Auctor Classico será raro: Bluteau não lho aponta.

Tonitruoso por sujeito a trovões, não sei em que Escriptor de auctoridade o acharia, quem escreveu o livro *Lenitivos da dor &c.* usando desta palavra na pag. 66.

Tribulo por abrolhos, se lê na vida de S. João da Cruz na pag. 8., e creio que com este exemplo se animaram não poucos Prégadores a trazer esta palavra nos seus Sermonarios, e quanto mais estes são modernos tanto mais a achamos.

Tripudio por alegria, não teve dúvida em dizer o Auctor da vida da Rainha Santa Isabel na pag. 343, se escrevesse em verso não seria tão censurado.

Trivio por logar que se reparte em tres caminhos, ou aonde vão dar tres estradas, se acha no Num. Vocal pag. 331.

Truculencia, e *Truculento*, não tem os mais seguros exemplos. A primeira palavra se acha na Cart. Pastor. do Porto pag. 157. A segunda no Num. Vocal pag. 144. Em Poesia são menos reparaveis.

Vate em prosa não se admitte, e estranha a critica que um Auctor como Varella, que não é muito barbaro na linguagem, usasse deste termo no Num. Vocal pag. 381, applicando-o ao Baptista.

Vectação por andar a cavallo, ou em carruagem, é de Severim de Faria nos seus Discursos pag. 146 v.^o Seria necessario Auctor mais Classico, para se poder usar seguramente deste termo.

Venerabundo, usou-o o P. Fernandes no tom. 2.^o

da Alma Instruida pag. 180. Temos observado , que estes participios acabados em *undo* como *furibundo* , *pu-
dibundo* &c. tem entre nós mais uso no verso que na
prosa , como verá quem lêr os nossos Classicos.

Vociferar por *gritar*, achamo-lo na *Guerra do Brasil*
pag. 145 , e em alguns modernos , que escrevendo em
prosa , imitam sem pejo a linguagem dos Poetas , gente
livre , e ousada na adopção das palavras.

Se nos quizessemos valer do Vocabulario dos Medi-
cos , dos Juristas , dos Poetas , e de outras classes de
sciencias e artes , fariamos mais copioso este Catalogo
em termos latinos a portuguezados , dos quaes todo o
bom Escriptor deve fugir , sempre que o não obrigar uma
necessidade extrema , como já mostiámos em uma das
Reflexões antecedentes.

REFLEXÃO 5.^a

*Sobre alguns Vocabulos Francezes , e Italianos ,
novamente introduzidos na Lingua
Portugueza.*

Assim como nas idades passadas era mui vulgar nos
Esriptores de linguagem impura valerem-se dos vocabu-
los latinos , e accommoda-los á pronunciação Portuque-
za; assim hoje é mui commum na mesma classe de Au-
ctores , servirem-se de vozes francezas e italianas , pre-
tendendo naturalisa-las em Portugal. Destas creio que
o numero é já infinito , espalhadas por todas as sciencias,
artes , e officios mechanicos ; porém com especialidade

na Filosofia Experimental, na Arte Militar, na Architectura Civil &c. Dizem que a falta de termos proprios obrigára a introduzir tantas palavras novas : se assim foi, procedeo-se com razão, porque obrigando a necessidade, devem-se buscar vozes para se exprimirem as cousas. Porém os amantes da pura linguagem Portugueza queixam-se de se introduzirem termos novos, meramente por moda, e não por precisão, pois que a nossa lingua tinha muitos, e bons, com que se explicava antes que se mendigassem outros ás estranhas para se exprimir o mesmo.

Que necessidade havia [dizem os puritanos da lingua] de se dizer *abandonar* tendo desamparar ? *affares* tendo negocios ; *Bellas Letras* havendo Letras Humanas, e Boas Artes : *Bellezas* da Eloquencia, havendo rasgos, de que sempre usou Vieira : *Bom Gosto*, havendo já discernimento, e juizo?

Porque se havia de introduzir *Cadete* por filho, que não é primogenito : *Criterio* por Arte Critica : *Canoculo* por oculo de vêr ao longe : *Charlatão* por palrador ignorante : *Chichisbéu* por galan, ou amante : *Delicadeza* de engenho por subtileza : *Dessert* por aparato de sobremesa : *Díscolo* por extravagante, e mal procedido : *Passagem* por logar, ou passo de algum bom Auctor : *Retalhos* de eloquencia por pedaços de eloquencia?

Que precisão tínhamos de *Garante*, e *Garantia* por fiador, e affiançar : de *Imagens* por logares, e passos eloquentes, ou da fantasia, ou do juizo : de *Interessante* por importante : de *Prejuizo* por antecipação de juizo, ou juizo antecipado : de *Projectar* por dar idéas, e arbitrios : de *Responsavel* por obrigado a responder : de *Susceptivel* por cousa capaz de receber outra : de *Viajar* por correr terras : de *Manobra* por mareação &c.?

Não só destas palavras, mas de outras muitas que agora nos não occorrem, mas lembram bem aos queixosos dellas, se lamentam os fieis conservadores da pura Linguagem Portugueza; porém outros criticos não acham para tanta queixa bastante fundamento. Dizem, que com esta liberdade é que se enriquecem de vocabulos as linguas vivas, e que só nas mortas, como a Grega, e Latina, é que o uso não póde exercitar o seu absoluto dominio.

Que não se tem enriquecido ha menos de um seculo a Lingua Ingleza com a introducção de infinitos termos, já inventados, já pedidos a outros idiomas, em que o Portuguez tem igualmente seu logar? E por fim ha hoje lingua viva que não tenha naturalizado inumeraveis vocabulos estrangeiros, sem exceptuar ainda a Castelhana, e Italiana, não obstante a sua copiosissima abundancia?

Assim fallam os defensores das vozes novas, e nós para dizermos o que sentimos entre estes indulgentes, e aquelles escrupulosos, dizemos que uns, e outros tem razão. Os escrupulosos, porque é certo, que havendo para exprimir qualquer cousa termo nacional, e usado pelos Auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um Escriptor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de Classico, que se dá áquelles Auctores que o mereceram.

Porém estes escrupulosos peccão muitas vezes por excesso, sentenceando por vozes novas, e introduzidas pela moda, que reina na presente Litteratura do nosso seculo, a algumas que tem já muitos annos, e tambem seculos de antiguidade. Por exemplo: estranha-se por novamente adoptada a palavra *Reproche*, e já Duarte Nu-

nes de Leão faz della memoria contando-a por uma daquellas que fomos buscar aos francezes. Veja-se a este Auctor na sua Origem da Lingua Portugueza, pag. 81. Tem igualmente por nova a palavra *Policia*, e é não menos que de João de Barros na Decada 3.^a pag. 87, onde diz: *Nisto se mostra a grandexa, e policia daquelle Principe &c.* Que não dizem elles tambem contra a palavra *Pedante*, quando Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia já traz *Pedantesco*? Não podem ultimamente soffrer, que se use do Italiano *Affanar*, e *Affano*, havendo em Portuguez *Affligido*, *angustiado*, *Affligirse*, e *angustiar-se*, quando Vieira, insigne texto da Lingua, disse, como sabem os eruditos, *Affanado*, e *Affano*. Podemos fazer menção de outros vocabulos, a que os escrupulosos erradamente chamam novos, e como taes os reprovam; mas não sejamos prolixos, e passemos a defender os Escriptores indulgentes.

Tem estes razão em procurarem, á maneira das outras Nações, e vivamente protegerem a introduccção de vocabulos expressivos, e precisos, quando não podemos exprimir uma cousa, senão por longa, e tediosa circumlocução. Se para nós expressarmos a força do verbo francez *Supplantar*, nos é preciso usar do rodeio de dizer: usar de força ou artificio para tirar a alguém o cargo, ou fortuna que possue; não será bom que admittamos este verbo, e digamos *Supplantar*? Não é mais expressivo e breve dizer *Criterio* do que *Arte critica*, *Insignificante*, do que cousa que nada significa? Não é mais succinto usar de uma só palavra, qual é *Responsavel*, e *Susceptivel*, do que occupar diversas vozes, dizendo: obrigado a responder, e capaz de receber? Se podemos com um só vocabulo exprimir o filho segundo, terceiro &c. de uma familia, porque se não ha de dizer *Cadete*?

Porém quando a nossa lingua tem termos proprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão reprehensivel a novidade, porque se oppoem áquella pureza de fallar de que em todas as outras Nações se faz especial aprego. Porque havemos dizer *Abandonar* se temos *Desamparar*; *Resurce* se temos *Remedio*; *Discolo* se temos *Malprocedido*; *Affares* se temos *Negocio* &c. &c. Porque diremos *Intriga*, *Intrigante*, e *Intrigador* por enredo, enredar, e enredador, ou por maquina, maquinar, e maquinador? Porque havemos dizer *Character* por distinctivo; *Conducta* por procedimento, governo, prudencia &c.?

Eis-aqui o como nos parece que devem concordar os dois partidos, ambos excessivos, um porque nada permite, ainda havendo precisão, outro porque tudo concede, ainda sem haver necessidade. Este nosso juizo é fundado sobre o mesmo parecer que deram os Academicos da Crusca para se introduzirem ou não no seu famoso vocabulario vozes estrangeiras. Foi seguida esta prudente resolução por Monsieur de Furetiere, e pelos sabios das Reaes Academias Castelhana, e Franceza, quando emprenderam os seus Dictionarios.

Aqui tinha bom logar para instrucção do Escriptor principiante fazermos memoria de alguns modos de fallar novamente introduzidos, os quaes a Lingua Portugueza tem por fazenda de contrabando, introduzindo-a sujeitos nimiamente amantes dos idiomas francez, e italiano. Destes taes modos de fallar se valem a cada passo nas conversações e cartas, e [o que mais é] nos escriptos impressos. Dizem v. g. *Isto não é que uma insolencia*, ou *isto não é que um favor*, em vez de dizerem como bons Portuguezes *isto não é senão uma insolencia*, *isto não é senão um favor*. Dizem igualmente:

esta acção faz o objecto do publico assombro, em lugar de dizerem á Portugueza, *é o objecto &c.* Do mesmo modo escrevem *fazer as delicias do povo*, em vez de escreverem *ser as delicias do povo*. Destes modos de fallar estrangeiros, e aportuguezados temos feito um largo catalogo, o qual seria bem util, que copiássemos neste capitulo em beneficio da mocidade, sempre amante de novidades; porém temos justos motivos para o recolher na gaveta, receando prudentemente fazer-mo-nos odiosos a não poucos Escriptores modernos. Quanto mais que nós não pretendemos neste livro fazer um Tratado exacto, e completo de tudo o que póde ser Reflexão sobre a linguagem Portugueza. Em assumpto, em que nada havia escripto, contente-se o Leitor com este pouco. Se este nosso tal qual trabalho for bem recebido do público, e tiver a fortuna de vêr nova edição, como os animos estarão então mais dispostos, acrescentaremos novas Reflexões, que por ora fariam grande ruido.

REFLEXÃO 6.^a

Sobre a Syntaxe figurada, e Idiotismos da Lingua Portugueza.

Como escrevemos para Escriptores principiantes, ou pouco versados na sua linguagem, não será cousa inutil discorrermos alguma cousa sobre a Syntaxe figurada, isto é, sobre as *faltas, superfluidades, alterações, e propriedades*, que tem a nossa Lingua, quando se aparta da Syntaxe regular. Primeiramente, ha nella umas fal-

tas de palavras, que lhe augmentam a graça, e energião. Quando D. Francisco Manuel disse: *Recebendo a de V. Senhoria quizera ter forças, e não molestia, vagar, e não embarços para responder como a obrigação o pede &c.*, fallou este Auctor com especial elegancia da Syntaxe figurada, por encobrir na dita oração algumas palavras, as quaes não deviam faltar, segundo as regras da Syntaxe regular. Conforme estas havia de dizer, *Recebendo a Carta de V. Senhoria, quizera ter forças, e não quizera ter molestia, quizera ter vagar, e não quizera ter embarços &c.* Por onde o ommittir a palavra *carta*, e o verbo *quizera* por tres vezes é o que consiste a elegancia da dita oração, pelo que diz respeito á Syntaxe.

Ha outra falta que não dá á nossa lingua menos graça que a antecedente. A cada passo altera ella a regra geral, de que todo o verbo no modo finito pede antes de si nominativo. E assim é nella frequentissima a ellipse de dizer: *Sempre leio os melhores Auctores Portuguezes*, em vez de dizer: *Eu sempre leio &c.* Faço esta reflexão para me tornar contra um numero infinito de modernos, que presando-se mais de francezes, que de Portuguezes, affectam não usar desta figura, e sempre dizem á franceza: *Eu vejo, eu pasmo, eu me confundo &c.* em occasiões em que não pede, antes o reprova, a energia, e indole da nossa linguagem. Os que cultivam a sua pureza, e propriedade nativa, bem percebem o que nós censuramos.

Temos igualmente observado nos nossos melhores Classicos, que por especial elegancia tiravam muitas vezes os articulos a diversos nomes. Não ha cousa tão frequente em Jacintho Freire, e em outros muitos, que o seguiram, como o dizerem, *meu zelo, minha lealdade, suas noções, seus progressos*, e não o *meu zelo, a minha*

lealdade &c. Vejo hoje pouco observada esta elegancia, sendo tantos, e da primeira auctoridade os classicos que a praticaram.

Porém assim como estas *faltas*, e outras que omitto, costumam augmentar a graça nativa da nossa Lingua, assim a *superfluidade* de palavras lhe causa seu deslustre. Conte-me o Leitor [se póde] o número das vezes que tem ouvido em discursos graves adjectivos superfluos, que dizem o mesmo que o seu substantivo, v. g. *lacrimoso choro*, *fluidas ondas*, *estreito carreiro*, *ondas maritimas*, e outros similhantes epithetos, que achámos em um Sermonario moderno. E' na verdade insigne o seu Auctor nestas elegancias. Nelle se acha tambem, que Jeremias já *antes* havia profetizado a ruina de Jerusalem &c., que a dextra mão *direita* de Deus pesa igualmente a Justiça, e a Misericordia &c., banhava a *humida* chuva ao *desacompanhado* solitario &c., se vos derem uma bofetada na *face*, beijai a mão que vo-la deu &c., — infinitos outros exemplo acharia o Leitor, se me fôra licito declarar o titulo do livro.

Persuadem-se alguns, governando-se pelas regras geraes da Syntaxe, que é erro na nossa Lingua, não concordar uma palavra com outra, com a qual devia concordar; porém enganam-se, porque ignoram que esta falta de concordancia é um modo de fallar figurado, que, á maneira dos Latinos, faz a oração mais elegante. Por exemplo, é melhor dizer: *Depois da victoria o resto do exercito inimigo parte fugiram, envergonhados de sua fraqueza, parte morreram, por serem incuraveis as feridas*; do que dizer: *parte fugio, e parte morreo*; porque na palavra *parte* se incluem muitos soldados. Por virtude da mesma figura Syllepse é mais elegante dizer: *estava o campo coberto de valorosa gente, e todos*

apostados a vencer, do que concordar dizendo, e *toda apostada a vencer*. Não concorda em genero, e numero com o substantivo *Gente*, mas com o significado homens, que se subentendem. Em qualquer outro nome de multidão, como *poro, plebe, turba &c.*, tem seu logar este modo de fallar figurado. Por virtude delle dizemos tambem: *El-Rei com a Corte se divertem na caça*, devendo dizer-se, segundo a Syntaxe regular, *se divertc*, porque *Corte* está em ablativo com a proposição *com*.

Porém assim como a nossa Lingua admitte á imitação da Latina estas liberdades da Syntaxe figurada, assim não soffre outras, que são frequentes entre os Latinos. Para ella raro é o Hyperbaton, que deva admittirse na prosa, porque não tolera, como supporta a lingua italiana, palavras na oração fóra do logar que lhes é devido. Não é proprio da sua indole dizer-se: *João se armou para a vida tirar ao inimigo seu*; mas sim: *Armou-se João para tirar a vida ao seu inimigo*. Pelo contrario na Poesia é esta alteração elegancia, dizendo-se: *Estas que já cantei rimas sonoras*, e não » *estas rimas sonoras que cantei &c.* Advertimos por ultimo, que havendo no Latim diversas castas de Hyperbaton, em Portuguez só ha tres, que são: *Anastrophe, Parenthese*, e *Synchese*; qualquer outra que nella se admitta, é erro crasso, e sem exemplo na prosa.

Mas passemos já aos idiotismos, que são propios da nossa Lingua, e não seguem as regras da Grammatica Latina, posto que concordem com a de outras Linguas vivas. Não trataremos dos diversos idiotismos que temos na conjugação de alguns verbos, porque sobre ser materia cançada, e fastidiosa, poucos são os erros em que neste ponto cahem os ignorantes. Commummente

*Não sei nada = não sei com alguma
não sei com nenhuma = sei alguma coisa
* aqui nada ef. não quero nada fazer mais.*

conjugam bem ; posto que não saibam que na tal conjugação ha já particular propriedade da Lingua.

Ha porem alguns idiotismos, que devemos explicar aos que nascendo em Portugal, não sabem Portuguez, pois tem por erros crassos certos modos de fallar, que são propriedades nativas da Linguagem Portugueza. Por exemplo : sabem que na Lingua Latina duas negações affirmam, e persuadem-se erradamente que no Portuguez é o mesmo, tendo difficuldade a dizer : *Eu não sei nada ; Eu não vi ninguém &c.* Quem duvida a fallar assim mostra claramente que nenhum estudo tem dos nossos Classicos antigos, e modernos ; pois que estes jámais admittiram que em Portuguez affirmassem duas negações, como no Latim affirmam, porque só nelle dizer : *Eu não sei nada*, val o mesmo que dizer : *eu sei alguma coisa.*

Na concordancia do verbo com o seu nominativo temos tambem um particular idiotismo no verbo *Haver* : porque nas terceiras pessoas do numero singular não concorda em numero com o seu nominativo. Os ignorantes, e tambem muitos dos que presumem não o ser, governando-se pelas regulares conjugações de outros verbos, tem por erro crassissimo ouvirem dizer : *Houve homens que nunca haviam de ter nascido*, em logar de *houveram homens &c.* *Havia muitas iguarias no banquete*, em vez de *havam muitas iguarias &c.* Porém estes presumidos são os que erram, porque com todos os Classicos da nossa lingua se prova, que o estar este verbo no singular, e o seu nominativo *Homens*, ou *iguarias* no plural, é um idiotismo, e Grammatica irregular muito propria da nossa linguagem.

Por virtude do mesmo idiotismo temos outros muitos modos de conjugar verbos, de que não poderíamos usar, a seguirmos as regras da Syntaxe regular. Dize-

mos v. g. *Aborreço a affectação* em vez de *Aborrege-me a affectação*: *Esqueceu-me o negocio*, em lugar de *Esqueci-me do negocio*: *Lembro-me eu*, por *Lembra-me a mim*: *Enfastiou-me o comer*, em vez de *Enfastiei-me do comer*, e outros muitos modos que o uso ensina, quero dizer, o uso daquelles que cuidam em fallar com pureza, e correcção, seguindo sempre os vestigios dos Classicos, de cuja auctoridade só os ignorantes duvidam.

REFLEXÃO 7.^a

Em que recommendando-se o fallar com toda a propriedade se offerece um Catalogo de termos proprios, cujo legitimo uso frequentemente se perverte.

De pois de termos discorrido nas Reflexões antecedentes sobre diversos pontos, que conduzem para a observancia da pureza da nossa lingua, justamente seriamos arguidos, senão fizéssemos uma Reflexão separada sobre o valor, e propriedade de muitos termos Portuguezes, a qual anda pervertida pelos Escriptores ignorantes, persuadidos de que são synonymas palavras, que muitas vezes na significação são entre si contrarias, e oppostas.

Na verdade de que serviria termos fallado sobre vozes justa ou injustamente antiquadas, sobre vocabulos que pertencem mais a outros idiomas do que ao nosso, e sobre algumas propriedades da Syntaxe figurada da nossa Grammatica, se deixássemos em silencio o tratar

de muitos verbos, e nomes; cuja propriedade é só estudo daquelles poucos que trabalham por fallar com pureza?

Póde um Escriptor não introduzir nas suas obras vocabulos latinos, italianos, e francezes; póde praticar as propriedades, ou idiotismos da sua lingua, e não se valer de termos, que o uso já deo por antiquados, e ainda assim dizer-se delle sem mentira, nem offensa, que não falla com propriedade; porque transtorna o uso legitimo, e genuino dos verbos, e nomes, valendo-se delles, quando nem a sua significação o pede, nem o seu conceito lhes corresponde.

Esta propriedade, que raras vezes se vê praticada, é a que deo a um João de Barros, a um Fr. Bernardo de Brito, a um Fr. Luiz de Sousa, a um Jacintho Freire, e especialmente a um Vieira a distincta honra de *Mestres da Lingua Portugueza*. Quanto mais se lêr a este illustre Classico, mais se admirará, que é singular entre todos na escrupulosa propriedade, e energia, com que usa das palavras para exprimir os seus conceitos. Ora demos desta verdade alguns exemplos, afim de que por elles o Escriptor principiante tome affecto a este grande Classico, e o não largue da mão, para conseguir, como elle, o explicar-se sempre com os termos mais proprios, e cheios de energia. Não seremos diffusos, porque fariamos crescer esta obra mais do que pede o estylo que seguimos, se dessemos liberdade á penna em transcrever todos os exemplos que offerecem os livros deste insigne Mestre.

Observe-se no liv. 3.^o num. 213 a propriedade de vozes, e a viveza de expressões, com que usa de diversas Hyperboles. — « O Leão, para quem toda a Libia era pouca campanha; a Aguia para quem todo o ar era

pouca esfera; o Touro, que não cabia na praça; o Tigre, que não cabia no bosque; o Elefante, que não cabia em si mesmo &c.” — Veja-se no tom. 2.^o os termos propriíssimos de que usou para se exprimir. — “Cante-lhes aos homens o Rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhes ditos o papagaio, mas na sua cadêa; vá com elles á caça o açor, mas nas suas piozes; faça-lhes bufunarias o bugio, mas no seu cepo &c.” — Observem-se os verbos que applicou metaforicamente no tom. 14. a diversas paixões do animo — “Arde o odio, morde-se a inveja, escuma a ira, raiva a desesperação, grita furiosa a dôr, e desafoga-se, sem nunca desafogar-se, a vingança &c.

E que proprios são os termos incisos, com que usando da figura *correlação*, descreve no tom. 4.^o os enfeites de Judith! — “Manda vir cheiros, joias, galas, espelhos: veste, compoem, enriquece, esmalta, os cabellos, a garganta, o peito, as mãos &c.” — Não são menos proprias as vozes de que usa na *Ethopea*, que se lê no tom. 1.^o pag. 326. — “Vêdes aquelle mancebo macilento e pensativo, que roto, e quasi despido, com uma corneta pendurada do hombro, arrimado sobre um cajado, está guardando um rebanho vil de gado mais asqueroso?” — Porém ainda temos por mais viva a pintura, que nos deixou no tom. 1.^o, na qual a propriedade das palavras vence toda a viveza das mais solidas cores. — “Vedes aquelle homem robusto, e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos, e correndo sangue, atado dentro em um carcere a duas fortes cadêas anda moendo em uma atafona? &c.” — Foi este Orador verdadeiramente maravilhoso nestas pinturas. Eu não sei se é melhor que a antecedente, esta, que se lê no tom. 7.^o num. 390.

— « Vereis a um destes [falla de um homem opprimido de profunda tristeza] quando ainda se conta no numero dos vivos, descorado, palido, macilento, mirrado: as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas cahidas, a cabeça derrubada para a terra, a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida &c. »

Porém cessem todas as pinturas deste Rafael dos Oradores, á vista da que se admira no tom. 5.^o num. 448. Eu copio parte della, para vêr o Leitor que na propriedade, e energia dos termos, é em que consiste a sua horrorosa viveza. — « Inclinará Deus os céus, e avizinhar-se-ha mais á terra para castigar seus moradores. Debaixo dos pés trará um remoinho de nuvens negras, escuras, e caliginosas: das ventas lhe sahirão fumos espessos de ira, de indignação, de furor: da boca, como de fornalha ardente, exhalará um volcão de fogo tragador, que tudo accenda em brazas, e converta em carvões. Atroará os ouvidos attonitos com os brados medonhos da sua voz, que são os trovões: cegará a vista com o fuzilar dos relampagos alternadamente accesos, abrindo-se, e tornando-se a cerrar o Ceo temerosamente fendido: disparará finalmente as suas setas, que são os raios, e coriscos: abalar-se-hão os montes, retumbarão os valles, affundar-se-hão até os abysmos os mares, descobrir-se-ha o centro da terra, e apparecerão revoltos os fundamentos do mundo &c. »

Emparelha no seu genero com esta *Prosopopea* aquella vivissima *Descripção*, que anda no tom. 11. num. 185. — » Vistes o que cada dia acontece nos povos, e cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos uma briga, ou arruido subito, que na campanha se podéra chamar batalha? Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que demais perto se offe-

rece ás mãos. Chovem os golpes, voam as pedras; uns ferem, outros cahem; todos correm, e acodem sem saber a quem, ou contra quem, ou a causa; uns incitados do odio, e da ira; outros sem ira, nem odio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão &c. »

Porém se nos exemplos antecedentes avulta a força, e viveza da nossa Lingua, outros muitos se admiram neste illustre Orador, nos quaes não reluz menos a propriedade, e energia. Falla elle da formação de uma imagem humana, e diz assim no tom. 3.^o num. 521: — « Ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afia-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoco, estende-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito, e talvez um santo &c. » — Agora nos occorre outro exemplo, em que igualmente a cada clausula do periodo corresponde seu verbo proprio. — « Ha se de arar a terra, ha se de semear, e gradar o trigo, ha de rega-lo o Ceo, ha de amadurece-lo o sol, hão de colhe-lo segando os segadores; posto em paveas na eira, depois de calcado e limpo, ha de ser moido, depois amaçado e levedado, e depois finalmente cosido, até que se possa comer &c. » — Baste de exemplos, porque quando não, iremos insensivelmente copiando todos os Sermões deste grande Orador, pois que não ha pagina que não nos socorra com ampla materia. Só advertimos que se lêa no tom. 9.^o Sermão 9.^o, porque nelle se admira em alto gráo o propriissimo uso da nossa Lingua.

Este é o principal Mestre que deve imitar o Escriptor principiante, desejoso de saber e praticar todos os primores da sua Lingua; mas sempre é preciso advertir-lhe que Vieira com a suprema auctoridade de Mestre

usou de alguns termos plebeos , e fez algumas descrições , que o principiante não deve imitar , porque aquellas liberdades , que não desdizem na boca de um velho , na de um moço são justamente censuradas.

Vieira commummente sim é escrupuloso observante do decoro Oratorio , fugindo de textos plebeos , que costumam abater a oração , por isso em vez de *Lameiro* , *monturo* &c. , disse *muladar* , *esterquilinio* , *cloaca* , e *sentina* , e foi seguido sempre pelo P. Bernardes , especialmente nas suas *Meditações sobre os Novissimos do Homem*. Por isso em lugar de *bebado* usou de *embriagado* , ou de *umbriado* , ou se valeo de alguma engenhosa circumlocução , qual é a do tom. 13. pag. 170 , onde disse decorosamente : — « A's outras nações volta-lhe Bacho o juizo com o licor , a que deo o nome &c. » — E no tom. 12. num. 919. , disse com igual decoro : — « Diz mais o Profeta , que esta luz resplandecente levava nas mãos , o que os touros trazem na cabeça. » — No tom. 7.º num. 75. , é igualmente admiravel a modestia com que se explicou , quando disse : — « Aos Portuguezes as fontes são as que nos matam a sede , e não as vides &c. » — Por ultimo admire-se , e imite-se o decoroso enfaze , com que exprimio , no tom. 3.º num. 423. , cousas , que explicadas por seus nomes proprios offenderiam a gravidade do estylo Oratorio. — « Deixo [diz elle] aos que sobem aos postos pelos cabellos , e não com as forças de Sansão , senão com as forças de Dálila. Deixo aos que com tal voz conhecida de Jacob levam a benção de Esaú , e não com as luvas calçadas , senão dadas , ou promettidas. Deixo os que sendo mais leprosos que Naaman Syro se alimpam da lepra , e não com as aguas do Jordão , senão com as do Rio da Prata. »

Porém não obstante a sua escrupulosa observancia

do decoro Oratorio , usou com a liberdade de velho alguns termos , que ao Escriptor destituido de credito não devem servir de exemplo. Será reprehensivel , se disser como Vieira : — « Atassalhar , abocanhar , agatanhar , peçonhento , movito , alporcas , rameloso , chacota , aranzel , golodice , e outros vocabulos plebeos , que não escaparam á critica atrevida. Aquella sua famosa Descripção , que anda no tom. 7.º num. 158 , não é tambem para imitar , quem não estiver , como elle , no mesmo gráo de auctoridade. — « Considerai-me uma cara , [diz elle] que não mereça nome de rosto , nem ainda de monstro , disformissimamente macilenta , seca , e escaveirada : a còr verdenegra , as queixadas sumidas , a testa enrugada , os olhos sem pestanas nem sobrancelhas , e em lugar de meninas , com duas grossas bellidas ; calva , remelosa , desnarigada ; a boca torta , os beiços azues , os dentes enfrestados amarellos , e podres ; a garganta corcomida de alporcas , em lugar de barba um lobinho , que lhe chegue até os peitos , e no meio d'elle um cancro fervendo em bichos , manando podridão , e materia ; não só asqueroso , e medonho á vista , mas horrendo , pestilente , e insupportavel ao cheiro &c. » — Quem não for um Vieira , não se metta a ser tão fiel Retratista , antes siga as doutrinas de Quintiliano , que em semelhantes imitações dos homens grandes dá prudentissimos conselhos. Mas já é tempo de apresentarmos ao Leitor o vocabulario , que no principio desta Reflexão lhe promettemos sobre a propriedade , valor , e energia de alguns termos , que tem mais uso em graves conversações , e discursos. Se para a Lingua Latina são utilissimos os muitos Auctores que escreveram de *Differentiis Verborum* , persuadi-mo-nos que tambem o catalogo seguinte não será inutil para os pouco introduzidos na lingua ma-